

EUGÉNIO LISBOA

O reencontro (im)possível na capital da memória

ENTREVISTA DE NÉLSON SAÛTE

A extensa entrevista a Eugénio Lisboa termina neste número da «Gazeta» com a publicação da sua quarta parte. Nela se fala, entre outras coisas, do reencontro (im)possível na capital da memória do poeta, crítico e ensaísta português nascido em Moçambique, que, em Maio e Junho, revisitou as suas origens.

O VICIO DO TEATRO

— O Eugénio Lisboa também escreveu sobre a arte dramática. O teatro é uma das suas tentações?

— Eu escrevi sobre o teatro porque eu gosto imenso de teatro, sempre gostei muito. Vou ao teatro sempre que posso. Quando era estudante de engenharia, em Lisboa, era um dos poucos portugue-

ses que iam constantemente ao teatro. Não perdia. Sempre me atraíu não só ver o teatro como as tripas do próprio teatro, o que se passa nos bastidores. Eu adoro assistir ao nascimento de uma peça: desde a leitura do texto até à leitura expressiva dos actores, dos pormenores de encenação até chegar ao fim. Tenho um verdadeiro vício pelo teatro. Em Londres fui imenso ao teatro. Felizmente, Londres

é talvez o sítio do mundo onde se faz melhor teatro. É um prazer! Se pudesse ia todos os dias ao teatro! Até porque alimentei em tem-

pos a ilusão de que gostaria de escrever para teatro. Uma das peças que tinha imaginado, architectado, o personagem principal era o In-



Eugénio Lisboa:
«tenho um verdadeiro
vício pelo teatro»

fante D. Henrique, mas era um Infante D. Henrique visto, digamos, em negativo. Simplesmente, o Infante D. Henrique, é um personagem difícil de teatrar porque ele praticamente não falou. Ele era um homem profundamente silencioso. Se o pusesse a falar pelos cotovelos traía completamente o personagem. Parece que me meti num beco sem saída por esse lado. Outro personagem que me parece passível de tratamento teatral magnífico é o Rei D. João II, que se a gente ler por exemplo o capítulo que lhe dedica o Oliveira Martins na História de Portugal ou no livro O Príncipe Perfeito é um personagem espantoso! Realmente chego a pensar que em Portugal não há grandes dramaturgos porque nós não temos aproveitado a mina que é a nossa História de Portugal para a teatralizar.

Gosto imenso de teatro e dá-me imenso gozo falar sobre teatro. É uma maneira de falar de uma coisa que é um gosto meu permanente. Uma das razões que me levou a ler as novelas e os contos do Tchecov, inicialmente, porque tive muitas outras, foi porque em muitos deles há realmente um ambiente de teatro. Ele disseca o ambiente do teatro, os actores, as actrizes, e dá-me prazer enorme ler aquilo.

— Você colaborou no antigo Rádio Clube no programa de rádio-drama que havia levado para lá autores do seu reino. Estou em crer que o Reinaldo Ferreira teria por lá passado na altura.

— Não na mesma altura. Quando eu organizei esses programas para a Dona Sara Pinto Coelho que estava aqui no Rádio Clube — foi a pedido dela — O Reinaldo já tinha morrido. Ele colaborou imenso para o antigo Rádio Clube de Moçambique.

— O Reinaldo Ferreira, julgo eu, esteve na criação do programa de rádio-drama, «Teatro em sua casa».

— Eu creio que sim! E mais: agora há uma coisa que gostaria de deixar aqui dito, até porque talvez ainda se pudesse encontrar nos arquivos alguma coisa. O dr. Manuel Barreto garante que ouviu no Rádio Clube uma peça do Reinaldo Ferreira que era o tema da peça Jacob e o Anjo, de José Régio mas a que ele dava uma volta extraordinária. Na peça José Ré-

gio baseia-se de maneira muito livre no nosso Rei D. Afonso VI que era impotente e louco, e cujo o trono foi usurpado pelo irmão que casou com a mulher. E o Régio aproveitava este esqueleto de uma peça de carácter metafísico que é o Jacob e o Anjo. O Reinaldo Ferreira pega um pouco neste triângulo. Simplesmente, o usurpador antes de mandar matar o rei para lhe usurpar o trono e casar com a viúva chama o confessor — o padre — confessando ao padre um crime que ainda não cometeu, diz ao padre: «Oíça eu cometi um crime horroroso e queria que me dissesse se para esse crime há absolvição possível. Acha que matar o meu próprio irmão para lhe roubar o trono e a viúva tem perdão possível?». E o padre diz-lhe: «Isso é um crime horroroso mas aos olhos de Deus tudo tem perdão desde que haja um arrependimento sincero e dilacerante. Mas é preciso que o arrependimento seja sincero» e então ele, o Príncipe, cai de joelho perante o padre, baixa a cabeça, soluça, pede por tudo que o absolva. E o padre diante daquele arrependimento sincero dá-lhe a absolvição. O padre retira-se e ele manda chamar o chefe militar e diz-lhe: «execute o rei». Quer dizer, obteve a absolvição como capital antes do próprio acto. O dr. Manuel Barreto diz que ouviu esta peça do Reinaldo Ferreira no Rádio Clube. Acontece que nunca ninguém a encontrou e é pena porque é uma peça que se perdeu.

O Reinaldo dedicava-se muito ao Teatro no Rádio Clube. Eu até uma vez pedi para ir assistir a uma daquelas sessões preliminares em que ele com os actores começava a ler o texto dos personagens, o princípio da preparação da encenação. Era um prazer porque o Reinaldo Ferreira era além do mais, um extraordinário conversador! Era conversador brilhante, ele falava tão bem como escrevia! E era um indivíduo muito bom! Um indivíduo de muito bom coração! Era um indivíduo muito amigoso com as pessoas e foi um prazer assistir a essa sessão. Eu sei que ele participou intensamente em programas de teatro no Rádio Clube.

O POETA REINALDO FERREIRA

— Aproveito a deixa para uma pergunta rascunhada que se referia exactamente ao poeta Reinaldo Ferreira, agora que passam trinta anos sobre a sua morte, em 30 de Junho de 1959.

— É verdade, sim senhor, não me ocorria.

— O Eugénio Lisboa com o dr. Fernando Ferreira e o Eng. Victor Evaristo foram os responsáveis pela organização e edição do livro póstumo de Reinaldo Ferreira «Poemas», editado pela Imprensa Nacional, em Moçambique, e, depois, em Portugal, pela Portugália, depois do José Régio o aplaudir, tendo este o conhecido através de si. Mas o Reinaldo Ferreira é isto: nasceu em Barcelona, viveu em Moçambique, tinha também raízes em Portugal. Um poeta tridividido?

— Eu nunca fui propriamente um dos amigos do Reinaldo Ferreira. Conheci-o muito pouco pessoalmente. Tinha-o encontrado em Lisboa, algumas vezes. Tinha falado com ele uma meia dúzia de vezes aqui no Maputo. Tinha grande admiração por ele. Tinha-lhe publicado na Beira no Paralelo 20 cinco poemas e ele tinha-me dito numa ocasião em que tinha lido coisas minhas: «eu tenciono publicar os meus 'poemas infernais' e gostaria que você escrevesse a introdução aos ditos poemas». E eu disse: «a honra é toda minha. Você não precisa da minha introdução. Eu fico muito contente por ficar ligado a si». Acontece que o Reinaldo morreu antes disso se materializar. De maneira que quando se fizeram saraus de poesia na Câmara Municipal de Lourenço Marques pediram-me para que eu falasse do Reinaldo Ferreira, quer dizer, eram várias pessoas e cada uma delas falou de um poeta. O Dr. Cansado Gonçalves falou do José Craveirinha e eu falei do Reinaldo Ferreira. O Dr. Fernando Ferreira tomou conhecimento desse meu texto, gostou muito, e como foi a ele que foi entregue o espólio do Reinaldo Ferreira depois da morte, ele convidou-me para fazer parte do grupo. Devo dizer que além destes três nomes que citou houve outros dois que foram convidados: um que foi o Vasco de Matos Sequei-

ra que era um indivíduo que escrevia, escrevia gazetilhas poéticas aqui no **Notícias**, escrevia revistas musicais juntamente com Reinaldo Ferreira. E o outro foi o Guilherme de Melo. Mas nenhum deles jamais apareceu a uma das reuniões que nós fizemos em casa do Dr. Fernando Ferreira, num prédio ao pé do Gil Vicente e em cuja casa muitas vezes nós ficamos até às três da manhã a trabalhar durante um ano, a decifrar manuscritos, a decidir sobre qualquer das versões seria a última, a organizar toda a estrutura do livro. O Vasco Matos Sequeira nunca mostrou qualquer interesse em trabalhar. O Guilherme de Melo nunca apareceu, mas, tem que se ser honesto, dizer que ele ajudou a decifrar alguns dos textos mais difíceis de se decifrar, quando a letra era mais ilegível. Ele tinha uma grande capacidade e conhecia bem a letra do Reinaldo Ferreira e houve um, dois ou três textos, uma ou outra passagem deles, que nós não conseguimos realmente chegar a conclusão nenhuma e o Guilherme de Melo conseguiu decifrar. Deu, portanto, essa contribuição. Mas o trabalho maciço, o trabalho a granel, o trabalho em bruto, esteve realmente a cargo do Dr. Fernando Ferreira, meu e do Eng.º Victor Evaristo. Publicamos o livro depois na Imprensa Nacional, porque o director, o indivíduo que supervisava aquilo era o dr. Juvenal de Carvalho, que era amigo do Reinaldo Ferreira. Independentemente das suas tendências políticas, era genuinamente amigo do Reinaldo Ferreira e fez uma edição baratíssima, uma edição bonita, com um desenho feito por uma rapariga que vive em Joannesburgo, de quem somos amigos. Eu tenho os desenhos originais. Estão em minha casa em Londres e na Embaixada. Aliás, depois aconteceu um episódio curioso: o livro saiu e enviei ao José Régio, eu conto essa história toda num texto publicado nas **Vinte Cinco Notas do Texto**, e o único agradecimento que tivemos por parte da família do Reinaldo Ferreira foi uma carta com aviso de recepção que certa altura eu recebi, não sei se outros elementos que colaboraram na edição do livro receberam, mas eu recebi uma carta com aviso de recepção de um advogado de Lisboa intimando-

-me a pagar à família os direitos do autor sobre o risco de ser metido em tribunal. Escusado será dizer que eu, o Dr. Fernando Ferreira e o Eng.º Victor Evaristo, que trabalhamos perto de um ano de borla, não recebemos um único tostão! E a Imprensa Nacional também, honra lhe seja feita, tendo vendido um livro desses a 20 escudos fartou-se de perder dinheiro, mas perdeu conscientemente, para que mais gente pudesse comprar o livro, para baixar o preço de capa. Escusado será dizer que eu respondi ao dito advogado que o livro tinha sido feito pela Imprensa Nacional, pelo Estado, portanto, que processasse o Estado. Escusado será dizer que foi o fim da nossa conversa por carta. O principal culpado disso não era a irmã do Reinaldo Ferreira mas o marido dessa irmã, que era um indivíduo guloso por dinheiro e não descansou enquanto não fez sair a 2.ª edição publicada pela **Portugália Editora**, que depois nos pediu autorização para usar todo o nosso material crítico, as notas introdutórias, o meu prefácio e pediram, por sua vez, o posfácio ao José Régio e o livro saiu em 2.ª, 3.ª e creio que 4.ª edições nessa colecção «Poetas de Hoje» e agora não foi mais reedi-

tado porque a **Portugália Editora** está completamente inoperante. Não edita nada. Está praticamente em estado de naftalina, não é? E a família, possivelmente, nunca mais se interessou em entregar a um outro editor e é uma pena, porque estou convencido que isso se vendia depressa.

— **Regressando à pergunta que originou esta incursão ao poeta Reinaldo Ferreira: julgo que o Eugénio Lisboa não esgotou a resposta sobre a sua passagem pelo Rádio Clube.**

— Sim, e essa minha passagem pelo Rádio Clube foi o resultado de um convite da Dona Sara Pinto Coelho que sabia que eu gostava de teatro, que admirava muitos autores, e pediu para fazer um programa sobre Racine, havia uma esplêndida interpretação em disco da peça do Racine que mais admiro que é **Phèdre**, interpretada por um intérprete espantoso. Eu gostava muito do Racine, fiz esse programa. Fiz outra peça que havia em gravação, uma peça que eu possuo que é **Port Royal** do Montherlant que é uma peça extraordinária, uma das grandes peças do Montherlant e, portanto, como tinha a peça e conhecia de cor e

Lisboa: «ensinei na Universidade num ano inesquecível»



salteado, conhecia imensamente bem a obra de Montherlant, a teatral e a outra, fiz esse programa com facilidade. E uma outra dedicada à Salvação do Mundo do Régio, porque, tinha também no Rádio Clube uma gravação. Não fiz foi só esses, fiz também uma outra. Foi essa a minha experiência. E depois a Dona Sara Pinto Coelho foi-se embora para Lisboa, reformou-se e também veio o 25 de Abril, e, portanto, acabou essa minha intervenção. Mas gostei imenso de trabalhar nisso porque a ideia de fazer uma montagem de passagens duma peça dando um articulado é um exercício muito interessante de compreensão a fundo do texto.

A INTERVENÇÃO NA UNIVERSIDADE

— O Eugénio Lisboa também foi professor de Literatura na Universidade, em Maputo. Como é que foi a sua intervenção como docente na actual Universidade Eduardo Mondlane?

— Isso aconteceu a convite da dra. Maria de Lourdes Cortez. Ela, inicialmente, pediu-me uma intervenção de carácter limitado. Foi ainda antes do 25 de Abril e a propósito de Análise Narrativa. Ela sabia que eu tinha estudado com muito interesse uma obra de um grande ensaísta americano, Wayne Booth, autor de uma obra que mais tarde sugeri à Arcádia que a traduzissem e a traduziram e publicaram em português. E ela pediu-me se eu ia dar umas três ou quatro aulas de duas horas cada uma à Universidade para expor o conteúdo desse livro visto que era uma dimensão que ela não tinha lá, não tinha a dimensão anglo-saxónica, o Wayne Booth é americano, e então passei algumas aulas dando não o Booth mas também extravazando para Ortey e Casset.

Ela pediu-me depois para dar um ano lectivo na Universidade e ensinando precisamente a narrativa. Foi um ano extremamente estimulante. Foi das actividades de que eu mais intensamente me lembro. Foi um ano extremamente duro, extremamente difícil. Eu estava nessa altura a dirigir uma companhia gasoleira francesa, a Total, estava como director da

Sonap, e como administrador da Sonap e Sonarep, e ia aos sábados de manhã, era a manhã inteira que dava essas aulas, eram quatro horas de análise narrativa. Escusado será dizer que pouco tempo me restava depois daqueles dias que tinha aquela gestão quente, naquele período mais do que atribulado, de que alguns de vocês não se lembram, eram muito novos, mas com os grupos dinamizadores moendo-nos o juízo: eram problemas, uns verdadeiros, outros fantasistas, não é? Eu praticamente não consegui deitar-me a não ser depois da meia-noite, a receber gente com problemas que aparecia em casa e realmente via-me aflito para inventar tempo, para conseguir, de uma maneira minimamente decente, preparar as aulas de sábado. Foi um ano duro que exigiu muito de mim. Um ano de que eu não me esqueço com facilidade. Tinha por outro lado um conjunto de alunas brilhantes. Muitas delas são hoje docentes na Universidade em Lisboa: a Ana Mafalda Leite, a Maria Santa Cruz e várias outras, a Amélia Russo, foi um curso que me deu um imenso prazer dar e me deixar ficar com um punhado de amigos e amigas fiéis. Depois saí. Lecionei só esse ano lectivo. Tenho dado ocasionalmente aulas noutras universidades. Ensinei em Estocolmo, regresssei a Estocolmo em 1984 para dar uns seminários a pós-graduados. Tenho ido a várias universidades europeias mas realmente nada substitui esse ano difícil desta terra em que ensinei nesta universidade e que constituiu para mim um baptismo de fogo inesquecível.

— Do seu percurso como homem de Ciências nunca exerceu docência em Universidade?

— Não, em faculdades de Engenharia nunca ensinei embora eu tivesse sido sondado quando acabei o curso para eu ser assistente de Física. Ensinei, efectivamente, Electrotecnia e Mecânica Racional aqui na Escola Industrial, em Lourenço Marques. Mas nunca me meti pelo ensino de Engenharia.

O REENCONTRO (IM) POSSIVEL

— Encerremos esta conversa um bocado longa...

— Bastante longa, você agora tem que meter a tesoura, não é?

— Claro! Mas tenho engatilhada para o meu gravador a última questão: como é que foi o seu reencontro com as origens? Como é que o Eugénio Lisboa revisitou a «capital da memória»?

— É muito difícil encontrar palavras, quase sempre, quando queremos exprimir o inefável, as palavras são incompetentes e neste caso elas são superlativamente incompetentes. É muito difícil dizer o que se passou mas eu vou resumir o mais incompetentemente possível. Nos primeiros momentos de chegar cá eu tive a sensação esquisita que era de repente encontrar fisicamente à minha frente parte da cidade que eu estava constantemente a rememorar na minha memória. E que aquilo tinha saído daquele vago esfumado da memória para a realidade concreta parecia-me surrealista. Não acreditava. Depois, nestes reencontros com o passado, com as origens, há sempre uma angústia: os lugares nunca são exactamente os mesmos e nós também já não somos exactamente os mesmos. Estes encontros em princípio são impossíveis. Eu tive essa sensação angustiante nos primeiros dias. A primeira vez que atravessei o Jardim Vasco da Gama (Jardim Tunduru) e descii a avenida que se chamava D. Luís que agora é Avenida Samora Machel e me dirigi ao Continental eu reconhecia e não reconhecia aquilo. E tive a angústia de pensar: «afinal de contas eu não vou reencontrar nada», porque eu já não sou o mesmo, fundamentalmente, quem mudou mais tinha sido eu por dentro». À medida que os dias foram passando eu comecei a sentir-me terrivelmente em casa, outra vez. E comecei a perceber que era possível em muitos aspectos um reencontro. Neste momento sinto-me que vai ser difícil outra vez arrancar de cá, quer dizer, estou realmente instalado no território que é meu, que eu conhecia, não é? Mas não foi de imediato. No primeiro dia, no segundo dia, havia uma surdina de angústia que depois se esbateu até porque o contacto com as pessoas foi tão caloroso!, foi tão afectuoso! e muitos desses fantasmas se diluíram e hoje eu olho para as coisas como se nunca tivesse saído de cá. Foi singelamente isto que se passou. □